

# Hipocorização no português brasileiro: moldes, circunscrições e correspondência em dois padrões de formação

Carlos Alexandre Gonçalves,  
Hayla Thami da Silva e Bruno Cavalcanti Lima  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

## 1. Introdução

Neste artigo, analisamos o fenômeno da Hipocorização no português brasileiro. Mais especificamente, focalizamos dois padrões: o tipo (B), descrito por Gonçalves (2004), que consiste na cópia dos segmentos melódicos do antropônimo da esquerda para a direita como, por exemplo, em 'Gabi' ('Gabriela') e 'Rafa' ('Rafael'), e a formação de hipocorísticos a partir de prenomes compostos, como em 'Malu' (Maria Lúcia) e 'Calê' (Carlos Alexandre).

A análise se baseia na Teoria da Otimalidade, modelo paralelista que se fundamenta na escolha de um *output* ótimo a partir de uma hierarquização de restrições. O objetivo primeiro do trabalho é verificar o papel das restrições na avaliação das formas resultantes dos processos abordados. Por isso, com base nos dados rastreados a partir do Dicionário de Hipocorísticos de Monteiro (1999) – <http://www.geocities.com/Paris/cathedral/1036> – foram elaborados e aplicados testes a informantes de ambos os sexos, com idade de sete a mais de quarenta e cinco anos e escolaridade variada, a fim de se chegar aos padrões estruturais responsáveis pela formação de hipocorísticos.

O principal propósito do artigo é investigar se as restrições reguladoras de tamanho, na Hipocorização, são as mais altas na hierarquia, ou seja, se superam as de marcação, de sílaba e de fidelidade, já que os hipocorísticos constituem palavra mínima e, por isso mesmo, não apresentam mais de duas sílabas.

## 2. A Teoria da Otimalidade (OT)

O trabalho se baseia na Teoria da Correspondência (McCarthy & Prince, 1995), versão mais recente da OT, que amplia as restrições de fidelidade para vários domínios lingüísticos que envolvam relações entre formas. Como o processo de formação ora investigado atua na interface da Morfologia com a Fonologia, a Teoria da Correspondência se justifica como a versão otimalista mais adequada ao exame dos dados.

### 3. Restrições atuantes na Hipocorização do Tipo “B”

No âmbito da Teoria da Correspondência, as restrições regulam os candidatos gerados por GEN a partir do grau de semelhança entre eles o *input*, que, no nosso caso, vem a ser o antropônimo. As restrições são posteriormente hierarquizadas, ou seja, propõe-se uma ordem que reflita generalizações do fenômeno estudado: o padrão de cópia dos segmentos da esquerda para a direita do antropônimo (Gonçalves, 2004), como se vê nos dados abaixo:

(A)	(B)	(C)	(D)
Rafael >> 'Rafa'	Alessandra >> 'Alê'	Catielen >> 'Cat(i)'	Cristina >> 'Cris'
Filomena >> 'Filió'	Itamar >> 'Ita'	Natália >> 'Nat(i)'	Cleonice >> 'Cléo'
Manuela >> 'Manú'	Adelaine >> 'Adê'	Edvanildo >> 'Ed(i)'	Francine >> 'Fran'
Gabriela >> 'Gabi'		Péterson >> 'Pet(i)'	
Mariana >> 'Mari'			

Pelos dados, percebe-se que o hipocorístico não apresenta mais de duas sílabas, o que confirma a hipótese de Gonçalves (2004) de que o fenômeno realmente forma palavras mínimas na língua. Em (B), nota-se a existência de formas que, para garantir maior fidelidade *input-output*, não apresentam *onset*, ou seja, o ataque silábico. Em (C), para evitar que a posição de coda seja ocupada por consoantes oclusivas, ocorre inserção de [i], o que garante a formação da estrutura CV.CV. Por fim, em (D), aparece a estrutura CCVC, dada a necessidade de respeitar o alinhamento entre a margem esquerda do antropônimo e a margem correspondente do hipocorístico.

Para dar conta desse fenômeno com os instrumentos da OT, são necessárias as restrições formuladas a seguir:

#### I) Restrição de licenciamento de categorias prosódicas

ANALISE- $\sigma$ : é uma restrição reguladora de tamanho. Seu objetivo é integrar sílabas a pés. Infrações ocorrem quando aparecem, no *output*, sílabas desgarradas, isto é, quando sílabas não são vinculadas a pés.

#### II) Restrições de alinhamento

TODO-PÉ(D): restrição de alinhamento de categorias prosódicas. A categoria de nível mais baixo, que é o pé, deve ser alinhada à direita da categoria mais alta – a palavra prosódica. Um candidato infringe essa restrição quando possui dois pés e a satisfaz quando possui duas ou três sílabas, desde que, nessa última situação (três sílabas), uma delas não seja integrada (estrutura  $[\sigma(\sigma\sigma)]$ ), em que os parênteses indicam pés e os colchetes, palavra prosódica).

ALIN(H)esq.(A)esq: restrição de alinhamento, cujo objetivo é nivelar a margem esquerda do antropônimo (A) com a margem esquerda do hipocorístico (H). Essa

restrição é violada quando os segmentos esquerdos de (H) e (A) não equivalerem, isto é, não se encontrarem numa perfeita situação de nivelamento na margem esquerda.

### III) Restrição quanto à formação de palavras

NÃO-HOMONÍMIA: restrição quanto à formação de palavras já existentes na língua. É violada a partir do momento em que o *output* constitui palavra já existente na língua (bloqueio, nos termos de Aronoff, 1977).

### IV) Restrições quanto à forma silábica

ONSET: restrição que avalia a existência da posição de ataque na sílaba. É violada se o candidato não apresentar um segmento nessa posição;

\*COMPLEX: são proibidos *onsets* constituídos de dois segmentos. Tal restrição será violada sempre que o hipocorístico apresentar estrutura CCV;

CODA-COND [+contínua]: restrição que limita a existência da posição de CODA, ou seja, se essa posição for ocupada por uma consoante oclusiva, cujo traço é [- contínuo], há infração dessa restrição; são permitidas codas preenchidas somente por vogais, soantes e sibilantes.

### V) Restrições de fidelidade

MAX-IO: restrição anti-apagamento. É infringida sempre que são apagados segmentos do *input* (antropônimo), na formação do *output* (hipocorístico);

DEP-IO: restrição que proíbe a inserção de segmentos no *output* (anti-epêntese).

Propomos a seguinte hierarquia de restrições:

ANALISE- $\sigma$ , TODO-PÉ(D) >> ALIN(H)esq,(A)esq >> NÃO-HOMONÍMIA >> ONSET >> \*COMPLEX >> CODA-COND [+contínua] >> MAX-IO >> DEP-IO.

As primeiras restrições ranqueadas atuam em conjunto, não havendo, entre elas, relação de dominância. A primeira obriga a formação de pés e, assim, exclui sílabas desgarradas. Já a segunda atua de maneira a obrigar o alinhamento dos pés à direita da palavra prosódica e, dessa forma, elimina candidatos com mais de um pé na sua estruturação. O objetivo comum dessas restrições é limitar o tamanho do hipocorístico, visto que sua característica principal é a formação de uma palavra mínima.

A restrição seguinte, ALINH, está subordinada às primeiras, tendo por função principal a cópia dos segmentos melódicos do antropônimo da esquerda para a direita e, portanto, limita outro padrão de cópia; daí a necessidade de estar bem cotada na hierarquia.

Posteriormente, temos a restrição NÃO-HOM, que elimina a possibilidade de o hipocorístico equivaler a outra palavra já existente na língua, sendo, então, fundamental para que haja o rastreamento do antropônimo a partir de sua forma reduzida.

As restrições seguintes prevêm uma estrutura silábica padrão. No entanto, encontram-se subordinadas às quatro primeiras, pois é mais importante que seja respeitado, durante o processo de redução, um alinhamento perfeito e não formador de

palavras homônimas que um padrão silábico não-marcado, como pode ser comprovado a partir de exemplos como 'Cris' (Cristina), que apresenta complexidade no *onset*, e 'Alê' (Alessandra), que não apresenta a posição de ataque silábico preenchida.

As restrições que ocupam as últimas posições do *ranking* equivalem às de fidelidade, já que sempre é necessário que haja algum tipo de perda, o que acarreta a violação de MAX. Além disso, algumas vezes, é necessário que haja alguma inserção, o que infringe DEP. Eventuais epênteses ocorrem para que seja atendida a condição de coda e, também, para garantir a formação do padrão CV.CV, em casos como 'Peti' (Peterson). Cabe destacar, entretanto, que apesar de MAX estar ranqueada na penúltima posição, muitas vezes servirá como definidora do candidato ótimo, o que comprova que há perdas, mas essas devem existir minimamente para que o antropônimo seja mais bem rastreado a partir de seu hipocorístico.

#### 4. A Hipocorização do Tipo "B" em análise

O processo não-concatenativo ora analisado equivale ao encurtamento de antropônimos; logo, formas totalmente fiéis ao *input*, isto é, sem nenhuma perda segmental, não são hipocorísticas. Alguns autores, como Benua (1995), consideram esse processo uma forma de Truncamento, visto a necessidade de se perderem segmentos. Cabe destacar, contudo, que Gonçalves (2004) considera que Truncamento e Hipocorização são processos distintos, este último limitado à redução de nomes próprios. O hipocorístico constitui palavra mínima e, portanto, as restrições de tamanho devem ser consideradas as mais altas da hierarquia.

Por limitações de espaço, analisamos dois dados referentes ao fenômeno abordado nesta seção. Em primeiro lugar, apresentamos uma forma mais regular, isto é, um hipocorístico que se caracteriza pelo padrão mais geral: o constituído pela estrutura CV.CV, como 'Gabi' (Gabriela). Em seguida, verificamos um caso com inserção de vogal epentética ([i]) para garantir a formação da estrutura CV.CV, como 'Nat[i]' (Natália). Há, nesse padrão de Hipocorização, no entanto, mais dois casos: um primeiro com uma estrutura sem a posição de ataque silábico – 'Ita' (Itamar); logo, a estrutura apresentada será V.CV; e outro com *onset* complexo e preenchimento da posição de coda, como em 'Fran' (Francine). No tableau abaixo, analisam-se candidatos possíveis à Hipocorização de 'Gabriela':

/Gabriela/ + HIPOCOR	AN	TD PÉ	ALIN	NÃO- HOM	ON- SET	*COM PLEX	CODA COND	MAX	DEP
a) [bi (e.la)]	*!		**					***	
b) [(Ga.bri)]						*!		***	
c) [(E.la)]			*!***					****	
d) [(Le.la)]			*!*****					*****	*
e) [(Gab)]							*!	*****	
f) [(Ga.bi)]								****	
g) [Bri(e.la)]	*!		**		*	*		**	

Dentre os candidatos, os primeiros a ser eliminados da disputa são (a) e (g), que possuem uma sílaba não integrada a um pé ('bi' e 'bri', respectivamente); logo, infringem ANÁLISE- $\sigma$ , e por isso, quanto ao tamanho, não formam palavras mínimas. Os candidatos (c) e (d) são eliminados pela restrição de alinhamento, ALIN, já que seus segmentos à esquerda não equivalem aos mesmos que estão à esquerda do antropônimo. O próximo candidato a *output* a ser descartado é (b), que não respeita a restrição \*COMPLEX, uma que vez que apresenta *onset* constituído de dois segmentos ('br'). O candidato (e) não respeita a condição de coda, posto que, nessa posição, apresenta uma consoante oclusiva e, dessa forma, infringe a restrição que controla a posição de coda na estrutura da sílaba. Assim, o *output* ótimo, isto é, o que, de fato, se realiza na língua, é o candidato (f), que infringe apenas a restrição de fidelidade MAX. Cabe enfatizar que esse restritor, no processo de Hipocorização, é sempre violado para que se satisfaça a exigência de formar uma palavra mínima, como propõe Gonçalves (2004).

Vejamos, no tableau a seguir, a avaliação dos candidatos referentes ao *input* 'Natália':

/Natália/ + HIPOCOR	AN	TD PÉ	ALIN	NAO- HOM	ON- SET	*COM PLEX	CODA COND	MAX	DEP
a) [(Li.a)]			* ***			*		****	
b) [(Na.ta)]				*				***	
c) [(Na.li)]			* *					***	
d) [(Na.t(i))]™								****	*
e) [(Na)]							*	*****	
f) [(Nat)]							*	****	
g) [Tá.li.a)]	*		**		*			**	

O primeiro candidato a ser eliminado da disputa é (g), que apresenta uma sílaba desgarrada, isto é, não formadora de pé. Posteriormente, os candidatos (a) e (c) são eliminados pela restrição de alinhamento (ALIN), visto que os segmentos à esquerda do hipocorístico não correspondem aos do antropônimo. O próximo candidato a ser eliminado é (b), pois coincide com uma palavra já existente na língua ('nata'). Por fim, os candidatos (e) e (f) também serão eliminados: o primeiro por apresentar mais violações de MAX que o rival vencedor (d) e o segundo, pelo fato de a posição de coda ser ocupada por uma consoante oclusiva. Dessa forma, o candidato vencedor é (d), que infringe apenas as restrições de fidelidade, inclusive DEP, para garantir formação de sílabas com padrão CV.

### 5. A Hipocorização de antropônimos compostos

Nesta seção, analisamos o fenômeno da hipocorização de antropônimos compostos, como ocorre, por exemplo, em 'Malú' (hipocorização do nome composto 'Maria Lúcia') e 'Dúca' (hipocorização do nome composto 'Eduardo Carlos')<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Utilizamos o acento gráfico sobre as vogais para indicar a localização das sílabas tônicas.

Como destacamos, o hipocorístico deve constituir palavra mínima na língua e, por isso, não pode apresentar mais de um pé binário. Sendo assim, as restrições de tamanho são dominantes na hierarquia, seguidas pelas restrições de marcação e de fidelidade, nesta ordem. A formação de hipocorísticos compostos também respeita esse formato, como se vê nos exemplos abaixo:

André Luís > Delú	Eduardo Carlos > Dúca
Carlos André > Cadê	João Carlos > Jóca
Carlos Artur > Catú	Luís Carlos > Lúca
Carlos Eduardo > Cadú	Maria Isabel > Mabél
Célia Lúcia > Celú	Maria Lúcia > Malú

Para dar conta do fenômeno, utilizamos, além das já apresentadas, as seguintes restrições:

### I) Restrições de acento

\*á] PWD: São proibidas palavras terminadas em “a” que sejam acentuadas nessa vogal.  
IAMBO: Todos os pés devem ser iâmbicos, ou seja, devem apresentar cabeça à direita.

### II) Restrição de alinhamento

ALINH – PWD1 (esq), PWD2 (CABEÇA): O segmento à esquerda da primeira palavra prosódica deve estar alinhado à cabeça da segunda palavra prosódica do antropônimo composto.

### III) Restrições de marcação

CODA-COND [soante]: Define que tipo de segmento pode ocupar a posição de coda. Assim, somente as soantes, neste padrão, podem ocupar essa posição.

NÃO-CODA: A posição de coda não deve ser preenchida na sílaba. Essa restrição confirma que o padrão ótimo é o de uma sílaba é CV, isto é, uma sílaba ótima é constituída por onset e núcleo.

Abaixo, o *ranking* proposto leva ao encurtamento (já que a hipocorização é o processo responsável pela redução de antropônimos), mas garante mínima fidelidade às palavras do antropônimo composto:

(1) TODO-PÉ (D), (2) ANALISE-s >> (3) \*á]PWD >> (4) ONSET >> (5) PWD1 (esq), PWD2 (CABEÇA) >> (6) CODA-COND [soante] >> (7) IAMBO >> (8) NÃO-CODA, (9) \*COMPLEX >> (10) MAX-IO

Como se pode notar, as restrições de tamanho dominam a hierarquia, pois o hipocorístico deve constituir palavra mínima na língua. Assim, as duas primeiras restrições atuam em conjunto e dominam o *ranking*. A restrição seguinte é acentual e proíbe que formas terminadas em “a” sejam acentuadas nessa vogal. Dessa maneira,

antropônimos como 'Luís Carlos' e 'João Carlos' produzem formas como 'Lúca' e 'Jóca', e não 'Lucá' e 'Jocá'.

Seguindo a hierarquia, a próxima restrição obriga todos os candidatos a *output* a preencher a posição de *onset*. Sendo assim, o antropônimo 'André Luís', por exemplo, apresenta como *output* ótimo a forma 'Delú', posto que 'Anlú', por exemplo, não preenche a posição de *onset*, como obriga essa restrição.

A seguir, tem-se uma restrição de alinhamento. Segundo essa restrição, o segmento à esquerda da primeira palavra prosódica deve estar alinhado à cabeça da segunda palavra prosódica. Pode-se afirmar, então, que, no fenômeno ora em exame, há junção de duas bases que se encurtam, formando o hipocorístico.

A restrição (6) determina que tipo de segmento pode ocupar a posição de coda. No caso da hipocorização de prenomes compostos, somente as soantes podem ocupar essa posição. Portanto, o antropônimo 'Carlos Eduardo', por exemplo, apresenta como *output* ótimo a forma 'Cadú', e não 'Cardú', visto que esta violaria a restrição (6).

Outra restrição acentual na hierarquia está em (7). Viola essa restrição o candidato que não apresentar pés iâmbicos, isto é, pés que apresentem cabeça à direita. Como exemplo, temos o antropônimo 'Maria Isabel'. O hipocorístico correspondente a esse prenome é 'Mabél', já que 'Mábel' infringiria essa restrição acentual.

As restrições (8) e (9) atuam em conjunto, assim como (1) e (2). A restrição (8) proíbe que a posição de coda seja preenchida na sílaba, ao passo que a (9) não permite a formação de grupos consonantais na posição de *onset*. Assim, 'Carlos André' tem como hipocorístico 'Cadé', e não 'Cardré'.

A última restrição do *ranking* é a (10), de fidelidade. Como já foi dito na introdução do trabalho, restrições de fidelidade devem ser hierarquizadas no fim, pois formas totalmente fiéis ao *input* não podem ser consideradas hipocorísticas. Deve haver, portanto, perda segmental para ocorrer o encurtamento.

## 6. O fenômeno da Hipocorização de prenomes compostos: a avaliação de candidatos

Para validar os dados referentes ao processo estudado, foram aplicados dez testes, num total de quatro questões. Na primeira questão, apresentaram-se aos informantes dez antropônimos para que eles indicassem o hipocorístico correspondente a cada forma. Na questão seguinte, fez-se o contrário: apresentou-se a forma encurtada para que o informante recuperasse o antropônimo correspondente. A seguir, na terceira questão, forneciam-se nomes próprios e algumas opções de formas encurtadas para que o entrevistado marcasse opções que lhe parecessem comuns. A questão final foi considerada a mais difícil pelos informantes, já que eles deveriam encurtar nomes dissílabos, como, por exemplo, 'Áurea' e 'Lana'.

Concluídos os testes aplicados, criou-se uma tabela de tendências com os seguintes objetivos: propor candidatos com base em critérios objetivos; detectar o *output* ótimo, isto é, a forma que se destaca em relação às demais; comparar os dados coletados com os apresentados nos testes; verificar o aparecimento de outros candidatos, o que pode implicar na existência de um *output* sub-ótimo.

Nesta parte do trabalho, apresentamos dois casos distintos do ponto de vista acentual. Dessa forma, analisamos os hipocorísticos 'Malú', do antropônimo 'Maria Lúcia', e 'Dúca', de 'Eduardo Carlos'. 'Malú' apresenta cabeça à direita, ou seja, é um iambo. Por outro lado, 'Dúca' se classifica como um troqueu., já que possui cabeça à esquerda. Começemos por 'Malú':

I: /Maria Lúcia/	TD-PÉ	AN	*á	ON-SET	ALIN	CD-CON	IAM-BO	N-CD	COM-PLEX	MAX
a) [(lú.ma)]					*!		*			*****
b) [ma (rí.lú)]		*!								****
c) [mar (lú.cia)]		*!				*	*	*		**
d) [(má.lu)]							*!			*****
e) [(lu.má)]			*!		*					*****
f) [(mar.lú)]						*!		*		*****
g) [(ma.lú)] ⇐										*****

Como se pode perceber no *tableau*, os primeiros candidatos a ser eliminados da disputa são (b) e (c), já que apresentam uma sílaba que não está integrada a nenhum pé, violando, dessa forma, ANALISE- $\sigma$ . A seguir, o candidato (e) é eliminado porque infringe a restrição acentual que proíbe que palavras terminadas em "a" sejam acentuadas nessa vogal. Na seqüência, o candidato (a) sai da disputa pela restrição de alinhamento, pois seu primeiro segmento é a cabeça da segunda palavra prosódica. Pela restrição CODA-COND [soante], é eliminado o candidato (f), visto que a posição de coda não está sendo ocupada por uma soante. Seguem na competição, então, os candidatos (d) e (g). Como a próxima restrição, na hierarquia, determina que todos os pés apresentem cabeça à direita, o candidato (d) perde a disputa por apresentar cabeça à esquerda da palavra prosódica. Portanto, o *output* ótimo é (g), que só infringe MAX-IO, a restrição mais baixa da hierarquia e que será sempre violada, já que candidatos totalmente fiéis ao *input* não podem ser considerados hipocorísticos. Passemos ao antropônimo 'Eduardo Carlos':

I: /Eduardo Carlos/	TD-PÉ	AN	*á	ON-SET	ALIN	CD-CON	IAM-BO	N-CD	COM-PLEX	MAX
a) [e (dú.ca)]		*!		*			*			*****
b) [(ê.ca)]				*!			*			****
c) [(du.cá)]			*!							*****
d)[du (cár.los)]		*!				**	*	**		*****
e) [(dú.los)]					*!	*	*	*		*****
f) [(ca.dú)]					*!					*****
g) [(dú.ca)] ⇐							*			*****



A partir da análise do *tableau* acima, vê-se que os primeiros a deixar a disputa são (a) e (d), visto que infringem ANALISE- $\sigma$ , isto é, apresentam uma sílaba que não está integrada a nenhum pé. O candidato (c) é eliminado a seguir, por ser uma palavra terminada em "a" e receber acento nessa vogal. O próximo candidato que sai da competição é (b), pois a posição de *onset* não está preenchida. Na seqüência, (e) e (f) são eliminados pela restrição de alinhamento. O candidato (e) não apresenta, em sua forma, a cabeça da segunda palavra prosódica, o que faz com que a restrição seja violada. Já o candidato (f) apresenta a cabeça da segunda palavra do antropônimo à esquerda. Assim, a forma ótima para o antropônimo 'Eduardo Carlos' é (g), que recebe uma infração em IAMBOS e nove em MAX-IO. Entretanto, por obedecer de modo mais sistemático a hierarquia de restrições, o candidato (g) é o *output* ótimo.

## 7. Palavras finais

Enfatizamos, ao longo do texto, que hipocorísticos equivalem a uma palavra mínima porque não podem apresentar mais de um pé binário. Quando a base excede esse limite, necessariamente haverá perda de massa fônica, resultando na preservação de apenas uma parte da(s) palavra(s)-matriz(es). A presença de estruturas não-marcadas resulta da demarcação de um pé sobre a base e do papel das condições de boa-formação silábica. As condições de boa-formação silábica atuam sobre o material escaneado para o molde e levam a um grau menor de identidade entre derivante e derivado, fazendo com que a Hipocorização se assemelhe à linguagem infantil.

De acordo com Gnanadesikan (1995), a aquisição da linguagem pode ser vista como um processo que promove a fidelidade à fala adulta a partir de um estágio inicial em que a marcação é dominante. Nessa fase, condições que regulam estruturas não-marcadas são capazes de impedir que formas marcadas do *output* adulto sejam produzidas pela criança. Marcação, nesse ponto, reflete, nas palavras do autor, a *habilidade rudimentar da criança para produzir contrastes sofisticados* (p. 21). Uma vez que contrastes são necessários para suportar o léxico adulto, as condições de boa-formação silábica vão sendo progressivamente suplantadas por condições de fidelidade ao *output* adulto, que se caracteriza por um balanceamento entre condições de marcação e condições de fidelidade, ranqueando-as alternadamente.

Pelo que se expôs no decorrer deste trabalho, podemos afirmar que a Hipocorização, sem dúvida alguma por seu caráter essencialmente afetivo, compartilha com estágios iniciais de aquisição<sup>2</sup> essa tendência a ranquear marcação sobre fidelidade, fazendo superficializar formas menos complexas do ponto-de-vista prosódico, como sílabas CV e pés dissilábicos com cabeça à esquerda.

Cabe assinalar, no entanto, que as condições de fidelidade dominadas na Hipocorização não são as mesmas dominadas na linguagem infantil. Enquanto formas não-marcadas da linguagem infantil resultam da dominância das condições marcação

<sup>2</sup> Também a chamada a "lovers language", por ser marcada pela função expressiva, compartilha com a linguagem infantil e com a Hipocorização essa tendência a privilegiar marcação sobre fidelidade.

sobre as de fidelidade entre um *input* (a fala do adulto) e um *output* (a fala da criança), as que caracterizam os hipocorísticos resultam de um ranqueamento similar, mas distinto, uma vez que as condições de fidelidade dominadas não são aquelas entre um *input* e um *output*, mas entre duas formas de *output*: o molde e o hipocorístico propriamente dito.

### Referências Bibliográficas

- ARONOFF, M. (1977). *Word formation in generative grammar*. Cambridge: CUP Press.
- BENUA, L. (1995). Identify effects in morphological truncation. In: BECKMAN, J. (ed.). *Papers in Optimality Theory*, 18 (1): 77-136.
- GNANADESIKAN, A. M. (1995). Markedness and faithfulness constraints in child phonology. *Rutgers Optimality Archive*, 67-0000, 48 p.
- GONÇALVES, C. (2004). Processos morfológicos não-concatenativos: tipologia e funcionalidade. *ALFA – Revista de Lingüística*. Araraquara, 42 (1): 9-42.
- MCCARTHY, J. & PRINCE, A. (1995). *Faithfulness and reduplicative identity*. Rutgers: Rutgers University.
- PRINCE, A & SMOLENSKY, A (1993). *Optimality Theory: constraints and interaction in Generative Grammar*. Boulder: University of Colorado/Rutgers University.